

Vozes da resistência: mães negras e suas narrativas sobre autismo nas redes sociais

Fernanda Carpes de Mello Dias¹
Magali Dias de Souza²

Resumo

O presente estudo investiga as narrativas de mães negras com filhos autistas, utilizando plataformas de redes sociais, especialmente o *Instagram*, como campo de análise. A pesquisa busca explorar a intersecção entre feminismo, negritude e maternidade neorodiversa, evidenciando as particularidades das experiências vividas por essas mulheres. No estudo, são analisados dois perfis públicos que discutem maternidade atípica, revelando preocupações relacionadas ao capacitismo e racismo, além de examinar o impacto das abordagens policiais sobre filhos negros. A metodologia adotada inclui uma análise qualitativa das publicações, com observações realizadas em 2022, levando em consideração postagens anteriores. Ao longo da pesquisa, destaca-se a importância do ativismo social e político, que emerge dessas narrativas, permitindo que experiências individuais se tornem um espaço de sonoridade e resistência coletiva. O trabalho ressalta a necessidade urgente de abordar a maternidade sob a perspectiva do feminismo negro, que reconhece as especificidades das experiências vividas por essas mulheres, enfatizando que a intersecção de raça, gênero e deficiência deve ser central nas pautas sociais.

Palavras-Chave: Epistemologia; Feminismo Negro; Interseccionalidade; Maternidade Neorodiversa; Narrativas.

1. Introdução

Iniciamos este texto³ com a citação de Gonzalez (2020, p.139): “com base em minhas experiências como mulher negra, tentarei destacar as iniciativas de aproximação, solidariedade e respeito à diferença por camaradas brancas efetivamente comprometidas com a causa feminista”. Dessa maneira, Gonzalez reitera a importância de repensar sobre o feminismo a partir da perspectiva da mulher negra.

Algumas experiências têm procurado levantar o caráter dos processos de empoderamento que levam ao desenvolvimento individual e coletivo. Aqui, destacamos a maternagem de mulheres negras que são mães de crianças com autismo, pois a maternidade neurodiversa é campo de estudos de diferentes áreas. Refletir sobre a maternidade negra é pôr em questão a construção desta romantização da mulher como mãe. Davis (2016, p. 252) afirma que:

A exaltação ideológica da maternidade – tão popular no século XIX – não se estendia às escravas. Na verdade, aos olhos de seus proprietários, elas não eram realmente mães; eram apenas instrumentos que garantiam a ampliação da força de trabalho

¹ Discente do Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Educação; Instituto Federal Catarinense - IFC; Camboriú, Santa Catarina, Brasil; carpesdemellofernanda@gmail.com

² Doutora em Informática na Educação; Professora no do Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Educação; Instituto Federal Catarinense -IFC; Camboriú, Santa Catarina, Brasil; magali.souza@ifc.edu.br

³ Texto escrito a partir de trabalho realizado para a disciplina Epistemologia e Educação, do Curso de Mestrado Acadêmico em Educação do Instituto Federal Catarinense - Campus Camboriú, sob a docência das Professoras Doutoradas Filomena Lucia Gossler Rodrigues da Silva e Marilândes Mól Ribeiro de Melo.

escrava. - Elas eram “reprodutoras” – animais cujo valor monetário podia ser calculado com precisão a partir de sua capacidade de se multiplicar.

A partir deste cenário, o presente estudo busca, através da observação feita na rede social do *Instagram*, analisar perfis públicos⁴ de mulheres negras que são mães de crianças com autismo para compreender como essas mulheres compartilham as experiências da maternidade neurodiversa na referida rede. Para tal, na primeira parte do texto percorremos sobre o conceito de epistemologia feminista a partir da perspectiva das mulheres negras, tendo como aporte teórico as autoras Cláudia Cardoso (2017), Patrícia Collins (2019), Lélia Gonzalez (2020) e Sueli Carneiro (2003), dentre outras. Em seguida, discutimos a categoria de maternidade atípica como construção do papel das mães na etiologia do autismo, com as contribuições de Bruna Lopes (2019). E, por fim, destacamos o ativismo de mães nas redes sociais, destacando a representatividade da maternidade atípica negra, a partir de narrativas compartilhadas.

1.1. Objetivo e justificativa

O objetivo deste artigo é investigar as narrativas de mulheres negras que são mães de crianças com autismo nas redes sociais, visando compreender de que maneira essas experiências são compartilhadas e articuladas dentro de um contexto de ativismo social. A pesquisa evidencia a intersecção entre maternidade neurodiversa, epistemologia feminista e negritude, ressaltando as especificidades das vivências dessas mulheres mães em relação às questões de racismo e capacitismo. Além disso, promove uma reflexão crítica acerca da resistência das vozes e experiências de mulheres negras nas discussões do feminino, negritude e decolonidade.

1.2 Metodologia e abordagem utilizada

A pesquisa caracteriza-se por um estudo documental, de cunho qualitativo, sobre as publicações de dois (2) perfis de mulheres negras que são mães de crianças com autismo, tendo como objetivo analisar as experiências compartilhadas a partir de narrativas sobre o processo

⁴ A Resolução nº 510 (Brasil, 2016), que dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, afirma que não serão avaliadas pelos Comitês de Ética em Pesquisa (sistema CEP/CONEP) as pesquisas que utilizem informações de acesso público, além de pesquisas que utilizem informações de domínio público. Neste estudo, foram analisados *perfis* de conteúdo aberto e público, não necessitando aprovação do Comitê de Ética para sua realização.

de maternidade atípica. As observações foram realizadas nos meses de julho e agosto de 2022, mas as postagens de anos anteriores foram levadas em consideração para análise. Evidencia-se na análise desses dois perfis: a preocupação com o capacitismo e o racismo, a inquietação por parte das mães de filhos negros com as abordagens policiais e, principalmente, o ativismo social e político que gerou o movimento a *vida de pessoas negras com deficiências importam* – movimento criado por pessoas negras, pessoas com deficiência e pessoas negras com deficiência, pautado no debate sobre interseccionalidade, que tem por intento aproximar os debates do movimento negro e do movimento de pessoas com deficiência, tendo por causas a luta antirracista, o combate ao capacitismo e a incidência política (VNDI, 2025).

A possibilidade de debater sobre assuntos pertinentes com um número maior de pessoas é tentador. Assim, o que por vezes parece apenas um “desabafo” individual, quando compartilhado virtualmente, em segundos torna-se uma grande teia para entrelaçar experiências e opiniões que se aproximam ou divergem.

Em seus estudos, Lopes (2019, p. 224) ressalta a importância da era da internet para o engajamento em prol da causa autista: “No Brasil, existiu uma lista do site Yahoo (espécie de lista de e-mails) chamada “Autismo Brasil”, por meio da qual muitas mães e pais de autistas se conheceram” e seguem em contato até os dias atuais. A autora ainda enfatiza que “o compartilhamento de experiências foi um importante elemento de agregação dos primeiros pais em grupos, fóruns e outros espaços na internet” (LOPES, 2019, p. 225). O dilema das questões que cercam o tema do autismo não fica apenas no campo das experiências familiares, torna-se uma causa a ser defendida e que contar com a adesão de outras pessoas nessa defesa.

Um dos critérios de seleção dos perfis, primeiramente, foi a escolha de que fossem perfis de mulheres negras, apontando-se a relevância da maternidade experienciada por mulheres negras e autistas, considerando o lema “nada sobre nós, sem nós”. A partir disso, as observações na rede social *Instagram* foram realizadas, nos meses de julho e agosto de 2022, mas as postagens de anos anteriores foram levadas em consideração para análise.

O perfil denominado @umamaepreatautistafalando, conta com 18,3 mil seguidores (consulta realizada em 30/08/2022). Apresenta-se como Autista Ativista, educadora popular, idealizadora do Movimento Vidas Negras com Deficiência Importam (@vindi.brasil). Luciana Veigas⁵, em suas narrativas, compartilha suas experiências em ser mãe, preta e autista em uma sociedade capacitista. Ao compartilhar sua maternidade atípica, mostra seu empoderamento e

⁵ Atualmente, seu perfil no Instagram é @lucianaveigas_.

sua militância. Destaca que compreende essas narrativas como uma forma de representatividade para mulheres negras que são mães de crianças com autismo.

O perfil @uma.autista.diferentona, possui atualmente 7.910 mil seguidores (consultado em 30/08/2022). Sabrina Nascimento identifica-se como Afro TEA/TDAH, mãe gemelar atípica, mestranda em educação. Em seus compartilhamentos, posta sobre a rotina das filhas, a luta por políticas públicas de inclusão, a dificuldade do diagnóstico de autismo por pessoas negras, narrando sua experiência em receber o diagnóstico tardio.

2. Epistemologia Feminista Negra

O termo epistemologia, palavra originária do grego *episteme*, que tem por significado conhecimento e *logos* como explicação. Por vezes pode ser compreendida como teoria do conhecimento ou filosofia da ciência. O fato é que, a epistemologia mostra-se como uma área indispensável para qualquer esfera do conhecimento que queira justificar e embasar seus métodos (CARDOSO, 2017, p. 4). Neste sentido, Collins (2019) argumenta a importância de se evidenciar a epistemologia a partir do pensamento das mulheres negras.

A epistemologia feminista negra é fundamentada em quatro pilares: (1) a experiência como critério de significação; (2) a prática do diálogo na avaliação de reivindicações de conhecimento; (3) a ética do cuidar, que enfatiza a presença das emoções nas interações; e (4) a ética da responsabilidade pessoal (COLLINS, 2019). Esta abordagem integra o movimento feminista negro como agente ativo na produção de conhecimentos e ressalta a relevância do ativismo nas vivências diárias.

A epistemologia feminista negra é um campo teórico que surge para valorizar e incorporar as experiências de mulheres negras na produção do conhecimento. De acordo com Santos (2022, p. 227), a epistemologia "se apresenta como um dos fundamentos do pensamento feminista negro", articulando a vivência como central na geração de saberes. Este conceito enfatiza a importância da "experiência vivida como critério de significado" (SANTOS, 2022, p. 227), reconhecendo que as vivências pessoais e coletivas das mulheres negras constituem um espaço legítimo para a produção de conhecimento.

Nesse processo, deve-se, primeiramente, recorrer ao entendimento de que todo o conhecimento é elaborado a partir de um contexto. Segundo Gonzalez (2020, p.140), "é

inegável que o feminismo, como teoria e prática, desempenhou um papel fundamental em nossas lutas e conquistas”. No entanto é necessário falar que as pautas feministas nem sempre discutiram problemáticas que mulheres negras estavam inseridas. No contexto brasileiro, o movimento negro feminista, buscou e conquistou seu lugar de fala; “exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala” Gonzalez (1984, p. 225). Assumindo o risco de falar, sobre importância de enegrecer o feminismo, destacamos a contribuição de Carneiro (2003, p.118):

Buscamos assinalar, com ela, a identidade branca e ocidental da formulação clássica do feminismo, de um lado; e, de outro, revelar a insuficiência teórica e prática política para integrar as diferentes expressões do feminino construídos em sociedades multirraciais e pluriculturais.

Assim, feministas antirracistas pontuam os limites e desafios nas discussões a cerca de intersecção das questões com gênero, raça e classe, às quais também incluímos a capacidade. Além disso, a epistemologia feminista negra desafia o paradigma hegemônico ao tornar manifestas as subjetividades das mulheres negras e suas realidades, constituindo um projeto de emancipação e resistência diante das opressões interseccionais.

3 Maternagem atípica e sua construção

O termo ‘maternidade’ diz respeito à instituição patriarcal que é definida e controlada por homens, demonstrando-se profundamente opressiva para as mulheres. Por outro lado, a expressão “maternagem” refere-se às experiências das mulheres nesse papel, caracterizando-se como uma vivência feminina e potencialmente empoderadora (O’REILLY, 2019, apud SANTOS *et al.*, 2023). Ao considerar as perspectivas do feminismo matricêntrico e do feminismo negro, é possível compreender as múltiplas formas de opressão que as mulheres enfrentam, principalmente em relação a fatores como raça, gênero, classe e deficiência “e como isso impacta a subjetividade das mulheres que são mães de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA)” (SANTOS *et al.*, 2023, p. 152). Dos diversos cenários que são atrelados ao feminino, de alguma maneira, o papel de mãe é um dos mais populares. No entanto, a romantização da figura da mulher mãe, dócil e afetuosa era ligada às mulheres brancas, de classes mais abastadas e sem deficiências.

Diniz (2007, p. 59), aponta que foram as feministas que trouxeram para reflexão “o ser uma mulher com deficiência ou ser uma mulher cuidadora de uma criança ou adulto com deficiência”. A maternagem é um processo construído em contextos distintos. No entanto, é necessário falar que as pautas feministas nem sempre discutiram problemáticas que mulheres negras estavam inseridas. No contexto brasileiro, o movimento negro feminista, buscou e conquistou seu lugar de fala: “exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala” Gonzalez (1984, p. 225).

A interseccionalidade é um conceito essencial para entendermos a discussão sobre as complexas relações entre diferentes formas de opressão, especialmente do feminismo negro e da deficiência. A autora Patrícia Hill Collins destaca que a interseccionalidade permite analisar que as experiências de raça, gênero e classe se entrelaçam, criando realidades únicas para mulheres que enfrentam múltiplas formas de discriminação.

A intersecção entre estudos feministas e estudos sobre a deficiência vem revelando a complexidade das experiências vividas por mulheres e sujeitos com deficiência. Essa conexão surge da necessidade de entender como diferentes formas de opressão se entrelaçam, impactando a vida e a subjetividade dessas mulheres. Nesse contexto, a compreensão das dinâmicas sociais que contribuem para a marginalização e objetificação se torna essencial. É importante dizer que:

os estudos feministas estabeleceram um profícuo diálogo com os estudos sobre as deficiências, a partir da intersecção das temáticas e deu origem a um campo de estudos cada vez mais importante – os *feminist disability studies* (estudos feministas das deficiências). Tal campo tem trazido contribuições significativas ao longo dos anos para a compreensão dos fenômenos de como as mulheres e as pessoas com deficiência são objetificadas e tratadas como controláveis, a partir de seus corpos, bem como colocadas a serviço de um sistema patriarcal e capitalista que visa apenas o lucro a qualquer preço (SANTOS *et al.*, 2023, p.152).

Esse diálogo não apenas enriquece a pesquisa acadêmica, mas também fortalece a luta por equidade social. No caso das mulheres negras que são mães de crianças com autismo, essa perspectiva se torna ainda mais relevante, pois não apenas lidam com o capacitismo associado ao Transtorno do Desenvolvimento de seus filhos, mas também enfrentam o racismo e o sexismo que permeiam a sociedade. Essas mulheres que são mães, frequentemente se deparam com estigmas e preconceitos que afetam suas identidades.

3.1 O papel das mães na etiologia do Autismo

O papel das mães na etiologia do autismo é um tema que historicamente tem sido cercado de estigmas e preconceitos, refletindo a construção social da maternidade dentro de uma sociedade patriarcal. A história do autismo pode ser compreendida como uma narrativa fortemente influenciada pelo gênero, especialmente através da construção social das mães de crianças autistas.

Desde os anos 1940, quando Leo Kanner introduziu o termo "autismo", as mães foram frequentemente acusadas de serem as responsáveis pelo comportamento dos filhos, sendo rotuladas como "mães-geladeira". Essa expressão, criada pelo psicanalista Bruno Bettelheim, sugere que a suposta frieza emocional das mães contribui para o desenvolvimento do autismo nos filhos.

Lopes (2019) destaca que essa construção social é problemática, afirmando que "a tecnologia afetiva da culpa, que já estava presente desde os primeiros estudos sobre o autismo, acentua-se a partir das interpretações de Bruno Bettelheim" (LOPES, 2019, p. 258). O estudo de Santos e colaboradores (2023) discute a maneira como as mães de crianças com TEA têm sido colocadas sob uma pressão social intensa, sendo muitas vezes responsabilizadas não apenas pelo cuidado, mas também pela condição de seus filhos. Essa responsabilização pode ser vista como um aspecto do fenômeno conhecido como "mãe geladeira", que sugere, de maneira depreciativa, que a frieza materna é a causa do desenvolvimento do autismo (SANTOS *et al.*, 2023, p. 151). Essa estigmatização revela como as narrativas em torno do autismo são permeadas por preconceitos de gênero, impactando negativamente a percepção e a experiência das mães nessa realidade. Segundo Santos *et al.* (2023):

A representação da vivência da maternagem para mães de pessoas com TEA é polarizada, em um extremo, representada pela imagem da "mãezinha azul", a mãe dedicada, altruísta e abnegada, além de guerreira e merecedora de grande admiração; no outro extremo temos outra imagem, ainda em construção, que começa a ser delineada por mães que rejeitam aquela imagem e preenchem a maternagem também com militância, além de tornar visíveis os muitos desafios que enfrentam, tendo pouco ou nenhum suporte político e de rede de apoio.

O discurso, por exemplo, da "mãezinha especial" ao referirem-se às mulheres mães de pessoas com deficiência, é tão cruel, pois mascara de forma romântica que está mulher é diferente das outras e, assim, se você é mesmo especial, então não existem limites para o seu cansaço. Ter uma crise nervosa? Fora de cogitação.

E, o que se considera pior desse discurso, a partir do momento que surge uma “mãe especial”, morre uma mulher. Um ser humano que tem sonhos, desejos, preferências, vontades. Se você é “mãe especial” sua vida agora é o seu filho. Fim (BORGES; WERNER, 2018).

A importância de uma perspectiva feminista ao abordar o autismo reside na necessidade de compreender como gênero, maternagem e deficiência interagem e configuram as experiências das mães de crianças autistas. Essa abordagem oferece um novo prisma para examinar os discursos sociais e acadêmicos que têm, historicamente, marginalizado as vozes femininas, ao mesmo tempo em que perpetuado estigmas e estereótipos.

O conceito de cuidado é entrelaçado à interseccionalidade de gênero, raça e deficiência, desafiando a visão tradicional que muitas vezes marginaliza as vozes de mulheres negras. O cuidado vai além de uma mera função atribuída às mães; ele é uma prática social complexa que envolve responsabilidade compartilhada e, ao mesmo tempo, uma carga desigual, predominantemente recaindo sobre as mulheres.

Como ressalta Diniz; Medeiros e Schwartz (2012), "a falta de políticas públicas que forneçam suporte para o cuidado e considerem o cuidador também como sujeito de direitos faz com que a tarefa se torne árdua, solitária e opressora". Nesse contexto, as mães negras, enquanto cuidadoras, não apenas desempenham um papel familiar, mas também configuram novas narrativas de identidade e inclusão. Através das interações e do compartilhamento de experiências, elas se tornam protagonistas de suas histórias, reafirmando a importância do cuidado como um espaço de empoderamento e transformação social, contribuindo para a descolonização dos saberes e para uma reflexão crítica sobre as políticas públicas existentes que impactam suas vidas.

4. Ativismo de Mães nas Redes Sociais

As redes sociais têm um papel relevante na sociedade contemporânea e também no ativismo das mães de crianças autistas, oferecendo uma plataforma para a troca de experiências, apoio mútuo e mobilização social. Por meio de grupos e comunidades virtuais, essas mulheres conseguem compartilhar suas histórias, desafios e conquistas, formando uma rede de solidariedade que ultrapassa limites geográficos. Essa conexão é valiosa para aquelas que podem se sentir isoladas em suas jornadas, pois proporciona um espaço onde podem encontrar empatia e compreensão. Além disso, as redes sociais possibilitam a disseminação de informações relevantes sobre o autismo, promovendo campanhas de conscientização.

Dando destaque na parte positiva do ativismo nas redes sociais, podemos mencionar que por meio de postagens, vídeos e discussões, essas mães podem sensibilizar a sociedade sobre as necessidades e os direitos de seus filhos, influenciando políticas públicas e aumentando a visibilidade do autismo, "as comunidades digitais possibilitaram algumas vantagens, como, por exemplo, o contato com mães de diferentes regiões do país" (LOPES, 2019, p. 173). O ativismo digital também permite que essas mulheres se conectem com especialistas, outras mães e organizações, fortalecendo uma comunidade que luta por melhorias na qualidade de vida das crianças autistas e de suas famílias.

É importante lembrar que, embora a exposição na internet ofereça uma plataforma valiosa para o compartilhamento de experiências e fortalecimento de comunidades em torno do autismo, ela também apresenta aspectos negativos. A vulnerabilidade dos/das usuários/as a comentários hostis, críticas e bullying virtual pode impactar emocionalmente as famílias, agravando o estigma e o preconceito que muitas vezes enfrentam. Além disso, a superexposição pode levar à perda de privacidade e à sensação de despersonalização das experiências individuais, uma vez que relatos pessoais se tornam públicos e suscetíveis a julgamentos. Essa dualidade torna essencial que os/as usuários/as das redes sociais sejam conscientes dos riscos envolvidos ao compartilhar suas histórias e que busquem um equilíbrio saudável entre visibilidade e proteção da privacidade.

4. 1 Representatividade da Maternidade Atípica Negra

A representatividade da maternagem atípica negra destaca-se como uma questão importante no contexto contemporâneo de discussões sobre maternidade, raça e diversidade. Essa temática reflete as experiências únicas que mães negras enfrentam quando suas filhas e seus filhos apresentam deficiências, em um cenário social que historicamente marginaliza tanto a maternidade negra quanto as questões de deficiência.

As mães negras frequentemente lidam com uma sobreposição de estigmas sociais. Além do preconceito racial, a deficiência de um filho pode intensificar a pressão e o estigma associados à sua raça. Segundo Silva (2012, p.44), "num contexto social marcado por uma busca pela perfeição, a maternidade de uma criança com deficiência entra em rota de colisão com os valores predominantes, gerando conflitos e isolamentos". Este duplo preconceito – contra a mulher e a pessoa com deficiência – não só amplifica a necessidade de visibilidade, mas também exige a criação de espaços onde suas vozes possam ser ouvidas e valorizadas.

Além disso, a maternagem atípica negra é frequentemente marcada por histórias de luta e resiliência. Mães que enfrentam essas adversidades acabam desenvolvendo estratégias únicas para navegar por um sistema que pode ser indiferente ou até hostil. Como afirma Gardou (2005), "a experiência da maternidade de uma criança com deficiência pode levar a uma transformação na maneira como essas mães se percebem e atuam na sociedade". Seu ativismo na busca de políticas de inclusão e serviços adequados se traduz em um poderoso movimento de empoderamento, vital para a transformação social.

A construção de redes de apoio entre mães negras com filhos atípicos também é importante, pois proporciona um espaço de partilha de experiências, conselhos e solidariedade. De acordo com Nunes (2015, p. 42), "a presença de uma comunidade solidária pode mitigar o isolamento que muitas mães enfrentam, criando um ambiente onde suas lutas são validadas". Esse cuidado comunitário se revela uma estratégia fundamental para lidar com os desafios impostos pela maternidade em um contexto marginalizado.

A falta de representatividade da maternidade atípica negra na mídia contribui para a perpetuação de estereótipos e a invisibilização dessas experiências. A promoção de suas histórias e vivências é relevante para reverter essa invisibilidade. Por fim, ao abordar a maternidade atípica negra, é imprescindível considerar a interseccionalidade, que analisa como diferentes formas de discriminação e privilégio se cruzam. Lazzarotto e Schmidt (2013) enfatizam que "a análise das necessidades específicas das mães negras com filhos com deficiência implica entender as complexidades de suas identidades e experiências". Assim, reconhecer e valorizar a representatividade da maternidade atípica negra se torna uma questão que exige atenção, voz e ação. Este reconhecimento não beneficia apenas as mães, enriquece também a compreensão social sobre diversidade, maternagem e inclusão.

4.2 Narrativas compartilhadas e suas implicações

As narrativas compartilhadas desempenham um papel significativo nas experiências de mães negras que cuidam de filhos com TEA. Essas histórias oferecem um espaço onde as mães podem expressar suas vivências, desafios e conquistas, permitindo a construção de uma identidade coletiva que transcende as individualidades. Assim, "as falas, de modo geral, apontaram para uma valorização da diversidade, da necessidade de abertura para um olhar menos capacitista e de valorização das diferenças" (SANTOS, 2024, p. 69). Esse

reconhecimento não apenas fortalece a autoestima das mães, mas também promove uma resistência ao estigma e à invisibilização que frequentemente cercam suas realidades.

Esses relatos partilhados criam redes de suporte social, em contextos onde as mães enfrentam sobrecargas emocionais e financeiras. Santos (2024, p. 9) destaca que "as mães são as principais cuidadoras de seus filhos, sendo responsáveis pelos cuidados em todas as categorias levantadas". A troca de experiências entre essas mulheres possibilita o aprendizado mútuo e a legitimação de suas lutas, contribuindo para uma maior visibilidade das questões que afetam a maternagem atípica em contextos racialmente marcados.

5 Conclusões

O presente estudo destaca a resiliência das mães negras que, por meio de suas narrativas nas redes sociais, tornam visíveis as complexidades enfrentadas na jornada de maternagem atípica. Ao privilegiar a intersecção de raça, gênero e deficiência, a pesquisa evidencia como as experiências dessas mulheres frequentemente se configuram por contextos sociais que perpetuam a discriminação e a marginalização. A busca por representatividade e a luta contra o capacitismo e o racismo emergem como temas centrais, enfatizando a necessidade de uma abordagem que não apenas valide, mas também amplifique essas vozes.

A ética do cuidado, sob a ótica dos estudos feministas da deficiência, ressalta a importância de reconhecer o valor das relações interpessoais e da empatia nas práticas de cuidado, desafiando a visão tradicional que muitas vezes marginaliza as vozes femininas. Essa ética propõe que o cuidado não deve ser visto como uma carga ou uma responsabilidade isolada, mas como um ato profundamente interconectado que promove o bem-estar e a dignidade de todos os envolvidos. Na experiência dessas mães, isso se traduz em um compromisso coletivo de apoio e solidariedade, na construção de redes que resistam ao estigma e promovam a inclusão e a visibilidade de suas vivências.

A análise das publicações nos perfis selecionados demonstra que esses espaços se tornam não apenas plataformas de desabafo, mas autênticas ferramentas de ativismo e empoderamento. As mães não apenas compartilham suas dificuldades, mas também se organizam em um movimento coletivo que busca reformular narrativas e desafiar estigmas associados à maternidade de crianças com autismo.

Por fim, ao promover a visibilidade de suas histórias, este trabalho contribui para o reconhecimento dos desafios enfrentados por essas mães e também aponta para a urgência de políticas inclusivas que respeitem e considerem a diversidade das experiências maternas.

Referências

BORGES, A. P. B.; WERNER, A. Em busca do tempo perdido. In: BORGES, A. P. B.; NOGUEIRA, M. L. M. (Org). *O aluno com autismo na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2018.

CARNEIRO, S. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: *Racismos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Takano Editora, v. 49, p. 49-58, 2003.

CARDOSO, C. P. Por uma epistemologia feminista negra do Sul: experiências de mulheres negras e o feminismo negro no Brasil. In: *13º Mundos de Mulheres & Fazendo Gênero 11: transformações, conexões, deslocamentos*, Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499452943_ARQUIVO_simposiotextofazendogenero13.pdf. Acesso em: 10 jan. 2025.

COLLINS, P. H. (2019). *Pensamento Feminista Negro*. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Candiani, Heci Regina. São Paulo: Boitempo, 2016. 244p

DINIZ, Débora. *O que é deficiência?* São Paulo: Brasiliense, 2007.

DINIZ, Debora; MEDEIROS, Marcelo; SCHWARTZ, Ida Vanessa D. Consequências da judicialização das políticas de saúde: custos de medicamentos para as mucopolissacaridoses. *Cadernos de Saúde Pública*, 2012. v.28, n.3, p. 479-489, mar. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csp/v28n3/08.pdf>. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2012000300008>.

GARDOU, C. Quais os contributos da antropologia para a compreensão das situações de deficiência? *Nuances: Estudos sobre Educação*, Presidente Prudente, ano XI, v. 12, n. 13, p. 145-156, jan./dez. 2005. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/viewFile/1694/1612>. Acesso em: 9 set. 2024.

GONZALEZ, L. A importância da organização da mulher negra no processo de transformação social. *Raça e Classe*, Brasília, ano 2, n. 5, p. 2, nov./dez. 1984.

GONZALEZ, L. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos (Organização: Flávia Rios, Márcia Lima). Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GONÇALVES, L. A. O.; SILVA, P. B. G. Movimento negro e educação. *Revista Brasileira de Educação*, n. 15, p. 134-158, set./out./nov./dez. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n15/n15a09.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2025.

LAZZAROTTO, R.; SCHMIDT, E. B. Ser mãe de crianças com paralisia cerebral: sentimentos e experiências. *Perspectiva*, Erechim, v. 37, n. 140, p. 61-72, dez. 2013. Disponível em: http://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/140_373.pdf. Acesso em: 20 de dezembro de 2024.

LOPES, B. A. *Não existe mãe-geladeira: uma análise feminista da construção do ativismo de mães de autistas no Brasil (1940-2019)*. 2019. 289 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2019. Disponível em: <https://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/2922>. Acesso em: 13 jul. 2022.

NUNES, A. B. N. B. *Cartas de Beirute: reflexões de uma mãe e feminista sobre autismo, identidade e os desafios da inclusão*. Curitiba: CRV, 2015.

Portal do Vidas Negras com Deficiência Importam (VNDI). Disponível em: <https://vidasnegrascomdeficiencia.org/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

SANTOS, S. P. Epistemologia feminista negra: mulheres negras como agentes insubmissas de (re)existência. *Revista Discente Planície Científica*, v. 2, n. 4, p. 223-230, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/planiciecientifica/article/view/52037>. Acesso em: 28 fev. 2025.

SANTOS, Maria Cristina Silva dos; NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães; MOKARIN, Gabriela Brasil. Maternidade ou maternagem: o papel da mulher no cuidado de um filho atípico. *Revista Mosaico*, v. 16, p. 151-160, 2023. e-ISSN 1983-7801.

SANTOS, M. C. S. “*Quem pariu Mateus que o balance?*”: um estudo sobre as experiências do cuidado nas maternagens de mães negras de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo. 2024. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024, 80 f. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/67338>. Acesso em: 20 dez. 2024.

SILVA, Fernando Antônio da. Representações sociais da maternidade segundo mães de crianças com deficiência. 2012. 130 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/11102>. Acesso em: 11 mar. 2025

Voces de la resistencia: madres negras y sus narrativas sobre el autismo en las redes sociales.

Resumen

El presente trabajo investiga las narrativas de madres negras con hijos autistas, utilizando plataformas de redes sociales, especialmente Instagram, como campo de análisis. La investigación busca explorar la intersección entre feminismo, negritud y maternidad neurodiversa, evidenciando las particularidades de las experiencias vividas por estas mujeres. En el estudio, se analizan dos perfiles públicos que discuten la maternidad atípica, revelando preocupaciones relacionadas con el capacitismo y el racismo, además de examinar el impacto de los enfoques policiales sobre los hijos negros. La metodología adoptada incluye un análisis cualitativo de las publicaciones, con observaciones realizadas en 2022, teniendo en cuenta publicaciones anteriores.

Palabras claves: Epistemología; Feminismo Negro; Interseccionalidad; Maternidad atípica; Narrativas.

Voix de la résistance : mères noires et leurs récits sur l'autisme sur les réseaux sociaux.

Résumé

Le présent travail enquête sur les récits de mères noires ayant des enfants autistes, utilisant les plateformes de réseaux sociaux, en particulier Instagram, comme champ d'analyse. La recherche vise à explorer l'intersection entre le féminisme, la négritude et la maternité neurodiverse, mettant en évidence les particularités des expériences vécues par ces femmes. Dans l'étude, deux profils publics discutant de la maternité atypique sont analysés, révélant des préoccupations liées au capacitisme et au racisme, en plus d'examiner l'impact des approches policières sur les enfants noirs. La méthodologie adoptée inclut une analyse qualitative des publications, avec des observations réalisées en 2022, tenant compte des publications antérieures.

Mots-clés: Épistémologie; Femmes noires; Intersectionnalité; Maternité atypique; Narrations.

Voices of Resistance: Black Mothers and Their Narratives about Autism on Social Media.

Abstract

This work investigates the narratives of black mothers with autistic children, utilizing social media platforms, especially Instagram, as a field of analysis. The research seeks to explore the intersection of feminism, blackness, and neurodiverse motherhood, highlighting the particularities of the experiences lived by these women. The study analyzes two public profiles that discuss atypical motherhood, revealing concerns related to ableism and racism, as well as examining the impact of police approaches on black children. The methodology adopted includes a qualitative analysis of the posts, with observations carried out in 2022, taking into account previous posts.

Keywords: Black Feminism; Epistemology; Intersectionality; Narratives; Neurodiverse Motherhood.